

Valor Econômico, 05 de abril de 2021

## **Capacidade ociosa e falta de insumos na indústria**

*Uma empresa não fecha as portas apenas por estar ociosa*

Por: Esther Dweck e Marília Bassetti Marcato

A flutuação do grau de utilização da capacidade instalada é um fenômeno típico do ciclo econômico, desdobrando-se em um indicador do nível de atividade econômica e da dinâmica dos investimentos privados. Operar com alguma margem desejada de capacidade ociosa cumpre a função de fazer frente às flutuações na demanda e também possui papel estratégico até mesmo para manipulação de preços em mercados oligopolizados.

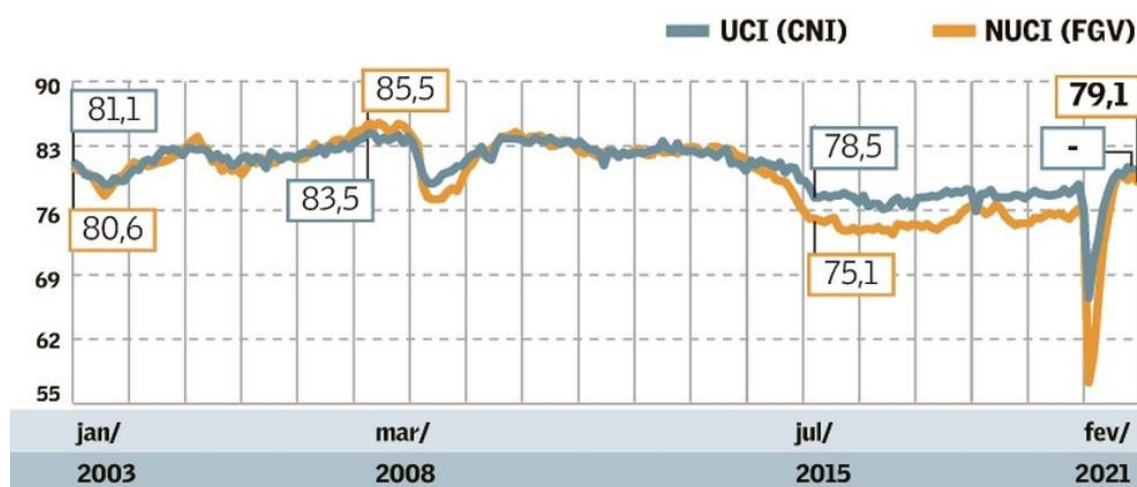
No Brasil, o ritmo lento da atividade econômica deteriorou-se ainda mais na pandemia, com contração do PIB de 10,9% no segundo trimestre de 2020 e queda no valor adicionado da indústria de transformação de 20,9% em relação ao mesmo período de 2019. A consequência dessa contração foi uma forte queda no grau de utilização da capacidade instalada da indústria, atingindo o nível de 57,3% ou 66,5% em abril de 2020, de acordo com as séries da FGV e CNI.

Na falta de um projeto estratégico para o setor produtivo brasileiro, o país ficará à margem das decisões no palco mundial.

Desde a crise de 2015, a indústria de transformação opera em um patamar de utilização da capacidade instalada inferior ao da série histórica, o que indica um ritmo lento de recuperação do setor industrial e uma baixa propensão a investir. Enquanto a interrupção da atividade econômica contribuiu para queda abrupta do indicador, os estímulos fiscais (auxílio emergencial, seguro desemprego, programa emergencial de acesso a crédito e o Pronampe) contribuíram para utilização de parte da capacidade ociosa disponível.

## Utilização da capacidade instalada (%)

Dados dessazonalizados (jan 2003-jan 2021)



Fonte: CNI e FGV

Uma empresa certamente não fechará as portas apenas por estar ociosa. Mas o mesmo não pode ser dito caso essa permanença persistentemente com ampla ociosidade. A recente decisão da Ford de fechar as fábricas no Brasil ilustra alguns dos riscos de subjugar os empecilhos à redução da capacidade ociosa. Para além do enfraquecimento da demanda, é preciso estar atento às mudanças em curso no âmbito da organização da produção internacional que podem traduzir-se em restrições de oferta, particularmente na escassez de insumos em diversas cadeias produtivas.

No caso brasileiro, a falta de insumos pode ser explicada por pelo menos três fatores relevantes. Primeiro, o efeito-câmbio sobre a dinâmica entre oferta de insumos para o mercado doméstico versus exportação. O algodão, por exemplo, teve grande parte da produção direcionada para o mercado externo, tendo em vista os ganhos com a desvalorização cambial. Segundo, a interrupção da produção doméstica de diversos insumos. Com as medidas sanitárias, as mudanças na dinâmica laboral de catadores e recicladores, por sua vez, ampliaram a restrição da oferta de papelão. Finalmente, o ponto que iremos explorar em mais detalhes, a interrupção dos fluxos de comércio internacional - tanto por efeitos temporários da pandemia quanto por fatores de médio e longo prazo - expôs a fragilidade dos elos domésticos da indústria brasileira e a crescente dependência de insumos importados.

Ao longo dos primeiros meses da pandemia da covid-19, diversas medidas sanitárias atuaram como obstáculos temporários para a atividade econômica e, conseqüentemente, para o comércio de insumos entre países. Com um mundo mais integrado, o “efeito contágio” pelas cadeias de abastecimento globais desdobrou-se na interrupção de diversas cadeias produtivas. É bem verdade que a preocupação com os impactos de choques nos fluxos comerciais pelas lentes das cadeias globais de valor não é uma novidade da pandemia. Diversos pesquisadores e organizações internacionais, destacadamente o FMI, tem buscado uma melhor compreensão sobre os efeitos colaterais das tensões comerciais, especialmente tendo em vista a disputa geopolítica entre EUA e China.

A ideia geral é que os efeitos de choques comerciais, como interrupções nas cadeias de suprimentos e aumento de tarifas, são amplificados à medida que os processos produtivos se tornaram fragmentados e geograficamente dispersos. Evidentemente, o tamanho e a distribuição dos impactos dos choques comerciais por meio das redes produtivas globais possuem diferentes formas a depender de quais etapas das cadeias serão afetadas. Isso significa que a dimensão com que os choques comerciais pesam na atividade econômica de um determinado país dependerá, em última instância, do seu grau de exposição e das tarefas que realiza ao longo dos processos produtivos.

Para além dos obstáculos temporários associados à pandemia, a reconfiguração da produção internacional em curso encontra outros fatores impulsionadores de caráter duradouro, como o enfraquecimento do multilateralismo, a disseminação de novas tecnologias digitais e a crescente preocupação com a sustentabilidade ambiental. Espera-se que esses fatores tenham cada vez mais influência nas decisões estratégicas das empresas transnacionais que lideram as cadeias globais de valor e, portanto, no poder de alocar e regular atividades que as mesmas exercem ao longo da cadeia, orientando o comportamento de outros atores.

Mais uma vez, a indústria automobilística ilustra alguns dos impasses que temos adiante. Além do baixo grau de substitutibilidade entre insumos produzidos localmente e insumos importados, os recentes efeitos da escassez de microchips na produção da indústria automobilística apontam para os problemas na gestão de estoques e as disputas geopolíticas em torno de ativos estratégicos.

Com o recrudescimento da pandemia, o descompasso entre oferta e demanda tem o potencial de levar a novos repasses de preços, mesmo diante do enfraquecimento das medidas de estímulo de demanda. Na ausência da coordenação de atores e de um projeto estratégico para o setor produtivo brasileiro em linha com as tecnologias portadoras de futuro, o país permanecerá à margem das decisões estabelecidas no palco mundial.

Fonte original: <https://valor.globo.com/opiniaao/coluna/capacidade-ociosa-e-falta-de-insumos-na-industria.ghtml>